

CENTRO UNIVERSITARIO SAGRADO CORAÇÃO

RAFAEL KENJI HIRATUKA

**O JORNAL “A FAMILIA” EM FOCO: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS,
IDEALIZAÇÕES E REIVINDICAÇÕES**

**BAURU
2021**

RAFAEL KENJI HIRATUKA

**O JORNAL “A FAMÍLIA” EM FOCO: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS,
IDEALIZAÇÕES E REIVINDICAÇÕES**

Monografia do PIBIV, vinculada ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária, apresentada por Rafael Kenji Hiratuka à Coordenadoria Geral de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO - Bauru/SP.

Orientação: Prof.^a Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa.

BAURU
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

H668j

Hiratuka, Rafael Kenji

O jornal "A Família" em foco: uma análise de discursos, idealizações e reivindicações / Rafael Kenji Hiratuka. -- 2021.
35f.

Orientador: Prof.^a Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde
Feitosa

Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Periódico. 2. Mulheres. 3. Educação. 4. Participação Política.
5. Família Moderna. I. Feitosa, Lourdes Madalena Gazarini Conde.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Chegado o

AGRADECIMENTOS

Chegado o momento dos agradecimentos, ao fim de uma etapa e de frente com toda a caminhada, não poderia deixar de agradecer a todos que contribuíram com a pesquisa, de forma direta ou indireta. Assim, no decorrer complexo da pesquisa, entre análises e debates, sou totalmente grato a tudo e todos, muitas mãos e mentes fizeram parte desse trabalho.

Agradeço ao Centro Universitário do Sagrado Coração, em especial à Area de Humanas, que estimula um ambiente de incentivo e trabalho.

À Professora e Orientadora Lourdes Feitosa meu agradecimento, respeito e admiração. A pesquisa exige um rigor dada a complexidade do ofício, e com a suas orientações me senti regozijado. Suas indicações, de forma sublime, continham a leveza de sua pessoa e o rigor de seu extenso trabalho de excelência dentro da academia. Obrigado por dividir comigo seus conhecimentos e orientações durante todo esse tempo, sua trajetória e amor pela História são inspiradores e amáveis.

Aos meus pais, Maria Celia R.S. Hiratuka e Tadashi Hiratuka, por todo amor, apoio e incentivo.

À minha namorada Isabelle Ferreira, que esteve ao meu lado durante todo processo, obrigado pelo apoio, incentivo e amor

Ao meu grupo de amigos “Banca da BL”, que também acompanharam o desenrolar da pesquisa, obrigado pelos incentivos. Um forte abraço para os amigos de História, em especial para Victor Hugo dos Anjos e Miguel Brandão Martinez, que nesses tempos de pandemia fortaleceram o laço e ajudaram na minha trajetória.

RESUMO DA PESQUISA

Na pesquisa realizada, foi trabalhado o tema da participação de mulheres das elites do sudeste brasileiro no campo social e familiar no final do século XIX, sob o olhar do jornal “A Família - Jornal Litterario dedicado a educação da mãe de família”, produzido e publicado por Josefina Alvarez de Azevedo entre novembro de 1888 a outubro de 1894. Este período caracteriza-se pela transição política e pelo avanço de novas estruturas econômicas configuradas pelo crescimento urbano-industrial que alterava as relações sociais, bem como pelo crescimento da imprensa e de seu papel informativo e educativo. O objetivo foi analisar a produção literária de Josefina Alvarez de Azevedo no mencionado periódico e as particularidades de suas matérias em relação ao modo de vida projetado às mulheres, em particular para as mais abastadas. A abordagem metodológica usada foi qualitativa, de procedimento documental e de discussão historiográfica. Durante as análises, foi observado que o comportamento e a inserção do lugar da mulher na sociedade apontados por Josephina estavam alinhados com as transformações em curso no Brasil e inspiradas em novos exemplos de atuação feminina advindos do velho mundo. A autora realçava o valor da educação e da emancipação da mulher por meio de uma participação ativa no campo social. Para isso, defendia a importância de uma família moderna, da qual o seu jornal colocava-se como representante, e estimulava as mulheres a se engajarem na luta pela liberdade de expressão, de educação, participação política e contra o fardo da “servidão” e das “ultrajantes inferioridades”. Deste modo, por meio desta pesquisa foi possível analisar o espaço político e social que ambientava o jornal e identificar as variadas demandas, reivindicações e discussões postas por este grupo de mulheres representadas na figura de Josefina Alvarez de Azevedo, e identificar as complexas discussões postas sobre as relações de gênero. Em uma polifonia de discursos que se punha no final do oitocentos, entendemos a escrita, produção e circulação do Jornal

“A Família” em uma perspectiva político/educativa ao se dirigir às mulheres e homens abastados e lhes propor caminhos e atuações diversas nos espaços familiar e social.

Palavras-chave: periódico, mulheres, educação, participação política e família moderna.

ABSTRACT

In the research carried out, the theme of the participation of women from the Brazilian Southeast elite in the social and family field in the late nineteenth century was addressed, under the eyes of the newspaper "A Família - Jornal Litterario dedicado a educação da mãe de família", produced and published by Josefina Alvarez de Azevedo from November 1888 to October 1894. This period is characterized by political transition and the advance of new economic structures shaped by urban-industrial growth that altered social relations as well. as well as the growth of the press and its informative and educational role. The objective was to analyze the literary production of Josefina Alvarez de Azevedo in the aforementioned periodical and the particularities of her articles in relation to the way of life projected to women, in particular to the more affluent. The methodological approach used was qualitative, documental procedure and historiographical discussion. During the analyses, it was observed that the behavior and insertion of women's place in society pointed out by Josephina were in line with the transformations taking place in Brazil and inspired by new examples of female performance coming from the old world. The author highlighted the value of education and women's emancipation through active participation in the social field. To that end, he defended the importance of a modern family, of which his newspaper stood as a representative, and encouraged women to engage in the struggle for freedom of expression, education, political participation and against the burden of "servitude" and of the "outrageous inferiorities". In this way, through this research, it was possible to analyze the political and social space that the newspaper was located in and to identify the varied demands, claims and discussions posed by this group of women represented in the figure of Josefina Alvarez de Azevedo, and to identify the complex discussions posed about gender relations. In a polyphony of speeches that was set in the late 1800s, we understand the writing, production and circulation of the "A Família" newspaper in a political/educational perspective when addressing wealthy

women and men and proposing to them different paths and actions in the family and social spaces.

Keywords: periodical, women, education, political participation and the modern family.

SUMÁRIO

RESUMO DA PESQUISA	3
RESUMO DO RELATÓRIO.....	4
1 - INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA.....	8
2 - MATERIAL E MÉTODO	16
3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
FONTE	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 - INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho se estrutura em uma pesquisa com o seguinte tema: o olhar do jornal “A Família - Jornal Litterario dedicado a educação da mãe de família” sobre a participação de mulheres das elites do sudeste brasileiro, em particular do Rio de Janeiro e São Paulo, no campo social e familiar no final do século XIX.

A partir do tema, elaboram-se os seguintes problemas de investigação: Como o jornal “A Família” foi uma reação às práticas sociais idealizadas às mulheres abastadas no período? Qual a associação entre a motivação da autora em romper com as tradições em um momento de ruptura política de império para república? Qual o poder simbólico e educativo do periódico em relação às indicações de atividades e comportamentos projetados para as mulheres de elites do Sudeste brasileiro?

Os problemas propostos abrem espaços de reflexão sobre a temática. É reconhecível que durante o séc. XIX as elites burguesas, imbuídas em conceitos europeus sobre gênero e comportamento, buscaram implementar uma gama complexa de práticas que priorizava o papel feminino no cuidado do lar e da família. (RAGO, 1997). Em relação a esta análise, encontrou-se a ação contestadora e por vezes revolucionárias de grupos que não aceitavam tais prescrições.

Tal ambiente conflituoso e diversificado não floresceu a partir de atos isolados, ao contrário, foi construído sobre o contexto sociopolítico e econômico que também estava passando por uma série de transformações, exemplos como a queda do Império por meio de um golpe militar e a formação da república e novos modos de produção que rompiam com o tradicional explicitam um *lócus* diverso e frutífero no âmbito da produção cultural e social.

Postulado, a presente pesquisa analisou as indicações, reivindicações e o papel educativo das mulheres na imprensa presentes no jornal “A Família”, de Josefina Alvarez de Azevedo. Observamos que este veículo de comunicação foi uma reação da autora ao contexto vivenciado e aos preceitos estabelecidos às mulheres abastadas do período e mostra o seu descontentamento e a busca por difundir um ideal de vida diferente dos divulgados em outros periódicos do período, como argumenta Glaucia Alves e Elsbeth Becker (2019, p.4): “Por meio dessas publicações,

pretendia-se difundir regras de disciplina e padronizar o comportamento da sociedade brasileira, a partir dos moldes criados pela elite europeia...”.

O objetivo geral da pesquisa foi o de examinar a produção literária de Josefina Alvarez de Azevedo por meio do periódico “A Família”, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em particular o período de novembro de 1888 a outubro de 1894. Foi feita a leitura, seleção e análise de suas indicações e reivindicações a respeito das atribuições e comportamentos femininos no espaço social e familiar em São Paulo e Rio de Janeiro, em fins do século XIX, a participação de outras escritoras na organização do jornal, como eram obtidos os recursos financeiros para a publicação e o seu público-alvo. Focou-se na seção do jornal “A Família” intitulada - “como nos tratam”, para explicitar o debate gerado pelo jornal sobre os papéis relacionados às mulheres.

Também foi estudado um corpo bibliográfico a respeito das atribuições e idealizações sobre o comportamento das mulheres no final do séc. XIX, identificando as diferentes instâncias de atuação feminina em São Paulo e no Rio de Janeiro, com destaque para as mulheres abastadas.

A pesquisa se justifica por diversos motivos; num primeiro momento, a temática vai de encontro à necessidade atual de se debater questões de gênero e sua relação com a criação de simbologias profundamente imbuídas nas questões político-sociais. Fazer história, ou seja, montar um discurso sobre o passado, analisá-lo por meio de técnicas e métodos críticos e científicos, permite a reflexão sobre nossas convicções no presente e como as relações de poder estão nos diversos níveis da sociedade, excluindo assim uma ótica natural das relações sociais. (JENKINS, 2017)

A partir deste contexto de análise dos periódicos, nessa pesquisa é viável assinalar a importância dos manuais de etiqueta no oitocentos. Assim:

“[...] é a partir do século XIX que os manuais passam a representar o ideal de sociedade. O ensino de etiqueta e civilidade, na sociedade Ocidental, passou a ganhar destaque e ser recebido com grande entusiasmo pela elite que habitava o Brasil. No primeiro momento, as regras de decoro e sociabilidade direcionavam-se a homens e mulheres de classe social abastada, frente a um império escravista, que busca refinar-se à moda européia. (ALVES, BECKER, 2019, p.4).

Em relação às mulheres, nota-se a intenção de delimitar um lugar social específico para elas, uma vez que esses manuais as instruíam a focarem no espaço doméstico e na maternidade, e que qualquer atividade externa a essas seria motivo de degradação para as moças. (RAGO, 1997; ALVES, BECKER, 2019).

Pontuando a conexão entre as estruturas do poder político e econômico com as esferas sociais e culturais, observa-se durante meados dos oitocentos a chamada Revolução Científico-Tecnológica, iniciada na Europa e que foi marcada pela criação de novos e acelerados modos de produção influenciados pelas descobertas científicas do período, exemplo: a eletricidade incorporada nas fábricas mudando a lógica e dimensão da produção industrial. Outro aspecto da Revolução Científico-Tecnológica foi um forte avanço das nações europeias em direção a lugares ainda não colonizados e às antigas colônias da América. Segundo Nicolau Sevchenko (1998, p. 13):

Não bastava, entretanto, às potências incorporar essas novas áreas às suas possessões territoriais; era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instalar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo [...] essas tentativas de mudar as sociedades, suas culturas e costumes seculares, que desestabilizaram suas estruturas arcaicas [...].

Foram essas tentativas de mudar a sociedade e sua cultura que se refletiram no ambiente brasileiro e que nos instigou: Qual seria a função/lugar das mulheres abastadas na sociedade? Seriam elas naturalmente submissa ao homem e reservadas unicamente ao espaço doméstico? Debates a respeito dessas e outras questões relacionadas à temática eram frequentes naquele tempo.

Outras indagações foram importantes como, a quais mulheres o “A Família” se dirigia e quais eram as suas mensagens? Quais indicações de comportamentos e práticas a elas eram direcionadas? Que imagem de família era preconizado? Essas indagações estimulam reflexões atuais a respeito de comportamentos idealizados e de posicionamentos questionadores sobre eles, como fez Josefina Alvarez de Azevedo. A pretensão foi demonstrar como este jornal firmou-se como uma reação a uma tradição que estabelecia para as mulheres o ambiente doméstico como ideal, e ao mesmo tempo como foi um produto alinhado ao seu rico e diversificado contexto social de produção, publicado entre 1888 e 1894.

A queda do Império, em 1889, e o avanço acentuado do capitalismo, segundo Nicolau Sevcenko (1998), mudaram as relações sociais e culturais daquele contexto, transformando o cotidiano brasileiro. As elites que tentavam se aproximar do modo de vida europeu, e as classes menos abastadas cada vez mais incorporadas ao meio urbano, vivenciavam uma nova sociedade que estava sendo construída, com novas formas de sociabilidade e de trabalho.

Nesse contexto de transformação, as abordagens moral e nacionalista são fortemente inseridas no discurso das elites do sudeste, que naquele momento passam a usar das novas tecnologias e a incorporar os saberes científicos da época para compreender e explicar a organização da sociedade. Um aspecto é a indicação da prática esportiva no cotidiano das famílias abastadas, fortalecendo o seu corpo, como enfatiza Silvana Goellner (2008, p.11), “um corpo que representasse o brasileiro liberto e moderno...”. Ao trazer a questão do esporte e a sua difusão naquele momento, a autora mostra a dimensão do projeto de construção identitária das elites. Neste, a ideia do “fortalecimento do corpo feminino visando uma maternidade sadia agregou-se um objetivo de cunho nacionalista que conferia às mulheres brancas o papel de fortalecer a Nação...”. (GOELLNER, 2008, p.12)

Outros conceitos incorporados a este discurso eram a medicina social e sanitária, baseadas na teoria da degenerescência difundida no meio europeu e que chegava ao Brasil. Larissa Miqueloni e Lourdes Feitosa (2013, p.167) argumentam que, “A partir da teoria da degenerescência, o saber médico preocupava-se em “limpar”, disciplinar e preparar os indivíduos para o novo modelo de sociedade almejada.”. As autoras salientam que a sociedade moderna, industrial e capitalista que estava sendo construída estrutural e simbolicamente, precisava delimitar as funções sociais dos indivíduos, corrigindo os enfermos e degradados, colocando-os em um complexo jogo simbólico. Em resumo, aquele que não se incorporasse à nova lógica era definido como doente e inimigo da pátria. Neste quadro, a função da maternidade ganha nova projeção e qualquer mulher que almejasse algo fora do ambiente privado do lar estava, automaticamente, querendo fugir de sua natureza e de sua função social, o que era concebido como um empecilho ao desenvolvimento do país. (GOELLNER, 2008; MIQUELONI, FEITOSA, 2013).

O discurso das elites foi se adequando às novas experiências de vida que chegavam da Europa. Margareth Rago enfatiza os embates sobre a atuação feminina em um momento na qual a separação entre as esferas público e privada se colocava em pauta: “[...] a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos. (RAGO, 1997, p. 591).

Essa tentativa de imposição fez, segundo a mesma autora, gerar um longo debate a respeito do trabalho feminino dentro e fora do lar, e como este deveria ser feito. Rago (1997) analisa as tensões sobre esse tipo de discurso e como era a prática trabalhista das mulheres, apresentando também os grupos contrários às imposições oficiais, como, por exemplo, as reivindicações de mulheres liberais, das socialistas, anarquistas e, posteriormente, das comunistas, que usaram do meio artístico e jornalístico para divulgar seus ideais revolucionários e as suas idealizações a respeito do papel das mulheres na sociedade.

Em suma, a formação da sociedade burguesa no Brasil do século XIX está diretamente relacionada com as idealizações que se estruturava e institucionalizava sobre homens e mulheres. D'Incao argumenta que:

[...] nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. Verdadeiros emblemas desse mundo relativamente fechado, a boa reputação financeira e a articulação com a parentela como forma de proteção ao mundo externo também marcaram o processo de urbanização do país. (D'INCAO, 2004, p. 234)

O desenvolvimento da imprensa e dos periódicos a partir de meados do século XIX no Brasil estava alinhado ao desenvolvimento material e às transformações em curso no período. Assim, as mulheres que começaram a produzir e a reivindicar a participação em outras atividades passaram por um longo processo de estudo, marcados pela desaprovação em grande nível. Sobre os jornais que possuíam proprietárias, Telles (2004, p.448) argumenta que “Muitas vezes, esses jornais

pertenciam a mulheres de classe média, algumas das quais investiram todos os seus recursos neles.” (TELLES, 2004).

Pela análise, pontuamos que o jornal tinha como público-alvo essas mulheres abastadas do Sudeste, que tinham condição de estudar e se alfabetizar, pois, no final do século XIX, cerca de 74% a 78% da população brasileira era analfabeta (BRAGA, MAZZEU, 2017; BOMENY, 2003), e grande parte composta por uma população trabalhadora, pobre e sem estudo.

Por extensão, o privilégio das letras proporcionava os empreendimentos na imprensa. Periotto (2013, p.43) argumenta que esta, “[...] tornou-se o meio de divulgação de ideias que traziam a preocupação central de civilizar os cidadãos, tornando-os propensos à reprodução do modo burguês, portanto habituados a rotina do trabalho”. Logo, a publicação periódica era feita ou influenciada por pessoas das classes abastadas que queriam atingir outras pessoas do mesmo grupo social, a fim de consolidar o ideal burguês. Deste modo, pode-se pontuar que a empreitada das classes mais ricas na publicação periódica tinha um fim pedagógico de ensinar e propagar seus ideais. Como considera a autora:

Se a educação, no sentido mais comum a ela atribuído, não chegava às províncias como atividade corriqueira e minuciosamente planejada, coube a imprensa o papel correspondente à ilustração, capaz de modificar os homens ao apresentar outros modos de viver, novos hábitos e formas de pensar ... (PERIOTTO, 2013, p. 44)

No final do século XIX, outros jornais femininos circularam como *O Sexo Feminino*, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, e o *Echo das Damas*, de Amelia Carolina da Silva Couto, que também tinham pontos em comum com o periódico de Josephina Alvarez de Azevedo. Contudo, “... a defesa da emancipação feminina presente no *A Família* foi muito mais contundente do que a dos outros, centrando as benesses de tal na figura da mulher em si” (CARULA, 2016, p.276). Mesmo com essa posição mais incisiva, o jornal defendeu um ideal reformista e não revolucionário, diferente do que inicialmente foi pensado nessa pesquisa.

Um ponto de amarração desse pensamento é o forte teor nacionalista presente nas indicações, que sustentavam a vontade da autora de fazer com que a força feminina auxiliasse no novo projeto nacional republicano, sendo as rupturas indicadas

consideradas como necessárias para que se estruturasse uma nação mais justa e equalitária em relação às diferenças entre homens e mulheres

Destarte, em relação às diversas reivindicações de mulheres, o trabalho da socióloga Carla Garcia se mostra relevante ao argumentar sobre a relação entre periódicos e o desenrolar dos movimentos sociais das mulheres da época,

Pode-se dizer que o embrião do movimento propriamente de mulheres foi a imprensa alternativa feminina, surgida em meados do século XIX. Com o início da urbanização e da imigração em larga escala, mudanças em relação a economia, a política deu espaços para idéias novas que incluíam a mulher e sua participação social. (GARCIA, 2015)

No contexto da produção periódica feminina, Bernardina de Sousa (2008) analisa os manuais de conduta que focavam na educação das mulheres e professoras e argumenta que estes davam uma dimensão natural e por vezes sacerdotal às suas funções sociais, justificando, assim, a subordinação feminina e a sua exclusão do debate político.

O tema educação permanece no interior do debate a respeito do papel da mulher no século XIX, entretanto, as reivindicações a respeito da emancipação e participação no meio público eclodiram com a crítica ferrenha aos modelos tradicionais de ensino. As feministas brasileiras desejavam uma prática educacional que pudesse proporcionar uma profissionalização, garantindo não só a liberdade econômica, mas também a consciência a respeito da sua submissão aos homens (GARCIA, 2015).

Por fim, Pierre Bourdieu argumenta que o modelo de escola vigente no ocidente tem como valorização a cultura dominante e que esta é transmitida por meio de simbologias (BOURDIEU *apud* SILVA, 1995). A análise contempla o conceito da “violência simbólica”, sendo:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 1998, p.12)

Logo, as atitudes das estruturas de poder dominantes que reproduziram limitado modelo de participação social feminina provocaram, durante as transformações

vivenciadas no final do século XIX, medidas questionadoras e por vezes revolucionárias que buscavam romper com os ideais aceitos e reproduzidos pela elite do sudeste, originária com a expansão cafeeira, que era fortemente influenciada por conceitos europeus.

Partindo deste cenário, enfatizamos o papel da imprensa neste momento em que diferentes grupos sociais produziam os seus impressos com suas perspectivas políticas e objetivos educativos. Como enfatiza Matheus Leibão (2017, p. 321):

Não apenas as elites letradas brasileiras produziram os seus impressos no século XIX. A nascente classe operária brasileira buscou construir os seus próprios meios de comunicação, boa parte deles com ideias revolucionárias, no intuito de agregar o maior número de adeptos possível às causas do comunismo, por um lado, e do anarquismo, por outro. A imprensa operária no final do Império e no início da República – período que coincide com a transição do escravismo para o capitalismo e a consequente formação do proletariado brasileiro – também buscou, com suas revistas e jornais – em sua maioria com grandes dificuldades de circulação e produção – educar os seus leitores, isto é, alertá-los da exploração que sofriam e indicar caminhos para sua superação.

Deste modo, em uma polifonia de discursos que se punha no final do oitocentos, entendemos a escrita, produção e circulação do Jornal “A Família” em uma perspectiva político/educativa ao se dirigir às mulheres mais abastadas e lhes propor caminhos e práticas diversas de atuação nos espaços familiar e social.

A articulação de seus discursos, juntamente com o contexto de produção, possibilitou a construção dos argumentos que a redatora-chefe utilizava, como a defesa incisiva do voto feminino a fim de igualizar e posteriormente permitir que as mulheres disputassem com os homens os cargos e posições estratégicas da sociedade, mas sem perder os “aspectos femininos”. A proposta de educação feminina da autora reforça a capacidade intelectual da mulher que, segundo ela, ao ser bem instruída, conseguiria educar bem os filhos, formando cidadãos dispostos a viver em sociedade e a trabalhar pelo seu desenvolvimento.

2 - MATERIAL E MÉTODO

O jornal “A Família - Jornal Litterario dedicado a educação da mãe de família”, teve sua primeira divulgação em novembro de 1888 em São Paulo e seis meses depois mudou sua publicação e circulação para o Rio de Janeiro. Possuía como público-alvo as mulheres de classes mais abastadas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Publicado semanalmente, as edições possuíam de quatro a oito páginas por edição. Era organizado por seções, das quais “A Família” era escrita por Josefina, que a cada edição do jornal trazia um capítulo sobre comportamento feminino dentro e fora do ambiente do lar, com orientações sobre como deveriam agir em diversas situações. Estas seções ficavam nas páginas iniciais do jornal; logo após, eram inseridos textos, poesias e contos de outras mulheres.

Durante a existência do jornal, a autora reuniu uma grande rede de mulheres que usavam das páginas do jornal para se expressarem. No final de cada edição era frequente uma seção chamada “Novidades”, na qual a proprietária divulgava informações a respeito das mulheres colaboradoras, como sua formação acadêmica, estreias em teatros e promoções em seus trabalhos. No segmento “Como nos tratam”, era transcrito os comentários publicados por outros jornais a respeito das edições do “A Família”; em “Secção Alegre” havia estorinhas humorísticas e em “Receitas Domesticas” dicas culinárias.

“A Família” teve como autora/proprietária Josephina Alvarez de Azevedo, nascida em 05 de maio de 1851, em Recife. Ela foi professora, jornalista, poetisa, biógrafa e dramaturga, com acentuada presença intelectual no Rio de Janeiro. Estudos desenvolvidos por Valéria Maior (2004), Karine Oliveira (2011) e Nayara Moura (2018) sobre a sua biografia mostram que durante sua atuação, Josephina manteve-se conectada a uma grande rede de mulheres de várias regiões do Brasil, além de manter contato, trocas de informações e ideias com mulheres dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Entretanto, poucos dados existem a respeito de detalhes de sua vida particular, como se era casada, se teve filhos ou como se formou intelectualmente. A escritora não deixou muitos relatos sobre a sua vida, apenas seu vasto trabalho que difundia seus ideais e reflexões. (MAIOR, 2004; OLIVEIRA, 2011; MOURA, 2018).

Josephina Alvarez de Azevedo escrevia a seção “A Família”, sempre nas primeiras páginas, além de dedicar-se a algumas poesias, críticas literárias, comentários e réplicas de críticas que faziam sobre o jornal em outras revistas. Nesses últimos escritos, a redatora costumava assinar como “Zefa”. As edições contavam com extensa participação de outras mulheres, como Isabel de Mattos Dillon, Analia Franco, Maria Zalina Rolim, Adelia Barros, Felicidade de Macedo, que compunham uma rede de mulheres jornalistas, a exemplo de Anália Franco, proprietária do jornal intitulado “Álbum das Meninas”. Compunham o jornal, na maioria das edições, as seções “Expediente”; “Novidades”; “Secção Alegre”; “Receitas Domesticas”; “Teatros”; “Indicador” “Livros e Jornais”; “Necrologia”; “Anúncios” e “Como nos tratam”.

A escritora manteve-se ativa em uma rede de mulheres de várias regiões do Brasil, além dos contatos com outras dos Estados Unidos, França e Inglaterra. O jornal apresenta informações sobre as suas diversas viagens com o fim de verificar como estava a educação das mulheres em outros espaços e divulgar em sua revista. Além de no jornal conter informações que dimensionam esta grande rede citada, Josephina também se encontrara com o Imperador Pedro II para tratar da morte do seu primo, o poeta Alvarez de Azevedo, e ela mesmo diz que na mesma ocasião recebera da Princesa Imperial um número de assinaturas que fortaleceu a sua revista. (A Família. Nº13, 1889).

A pesquisa teve abordagem qualitativa e foi analisada a seção intitulada - “Como nos tratam” de todas as edições do jornal, disponíveis na Hemeroteca Digital, no site da Biblioteca Nacional por meio do endereço: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/familia/379034>. Das 177 edições publicadas d’A Família estão disponíveis 141 edições. Foi adotado um procedimento documental e bibliográfico, feito em conjunto e que possibilitou a realização de um debate historiográfico que embasou a pesquisa.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro momento, verificou-se que a ruptura hipotética inicial é mais ampla e complexa, de fato, as propostas de Josephina rompiam com algumas práticas sociais idealizadas para as mulheres, entretanto, notou-se que as suas idealizações foram se direcionando não só às mulheres, em um sentido amplo, mas também que passam a analisar e a tecer comentários críticos em relação à função delas na sociedade. A autora propõe, principalmente, a educação feminina e o direito ao voto com o argumento de que as mulheres bem instruídas teriam a capacidade de governo da família e da sociedade. Seria por meio da educação que essas tornar-se-iam boas mães que, por sua vez, educariam bem os filhos, futuros bons cidadãos da pátria:

Effectivamente, o homem não passa de um producto da carte e do espirito da mulher; e o seu reflexo n'alma e no corpo, e só a mulher sádia e instruida póde dar vida e educar o bom cidadão.

Assim, a educação feminina é um problema de incontestavel alcance para a felicidade das sociedades em geral. (A Família, 1889, Nº16, p.1)

Josephina argumentava sobre essa ação conjunta e a importância da valorização do papel da mulher na vida social e privada, pois o destino da sociedade e de seu desenvolvimento. No excerto abaixo é notório este vínculo entre a educação feminina e a formação do bom cidadão, educado por uma mulher instruída e sadia, bem como a situação precária ainda vivida no Brasil em relação a esta formação:

A educação das mulheres no Brazil é um problema de magno alcance para o futuro patrio. É sem duvida o segredo inexplorado de todas as grandezas a que havemos de attingir, quando o velho e estalido preconceito de nossos maiores tiver de todo desaparecido de nossos costumes.

[...] É no proprio interesse dos homens que está a vantagem do desenvolvimento intellectual das mulheres.

É crassa a cegueira do que não vê que a ignorancia é um mal, que a educação é um bem, e tudo que concorre para que sejamos boas, igualmente concorre para que os homens sejam felizes.

Infelizmente, porém, são taes os prejuizos, de que somos victimas que até hoje, quasi no fim do seculo das luzes, nós, as brazileiras, nos conservamos estacionarias e atrasadas, sem comprehendermos de que maravilhoso poder somos

dotadas, quanto poderíamos influir no desenvolvimento intellectual e moral da nossa sociedade.

[...] Entretanto, essas mesmas é que hão de crear o homem para as lutas da vida, o homem, que tem diante de si a amplitude de um mundo, com as suas maravilhas a explorar, e que tem em roda de si a multidão de seus iguaes a amar e distinguir.

Sahindo desse meio acanhado e fútil, o que póde elle chegar a ser?

Timido e caprichoso, o reflexo todas as fraquezas que herdou no berço, e que encontrou em sua educação.

Tempo é já de tratar-se de emendar o medonho erro de que todos temos sido victimas, proporcionando-nos uma educação solida, capaz de elevar-nos á altura de nossa missão na sociedade.

Não fazel-o é condemnarmo-nos todas a um estado de atrazo e apathia, que se traduz em decadencia precoce de um paiz ainda novo. (A Familia, 1889, Nº18, p.1)

O tom nacionalista aparece como motivação e objetivo no periódico. Josephina estava preocupada com os rumos do país, que ainda mantinha a mulher em uma condição de exclusão social, sendo que seria por meio da educação e emancipação feminina que poderia se estabelecer um Brasil mais justo e desenvolvido. Para a redatora, negar essas aspirações era condenar o próprio progresso do país.

A autora, em muitos momentos, demonstra-se uma entusiasta do momento que está vivenciando com a formação da República. Escreveu e argumentou a respeito do que pensava sobre a República.

No fundo escuro e triste do quadro de provações a que votaram a mulher na sociedade, brilhará, com a fulgente aurora da República Brasileira, a luz deslumbradora da nossa emancipação?

Eis, no momento presente, o problema quasi vago que perpassa por nossa mente, como um ideal aspiração.

A patria é livre, a sociedade brasileira vae reconstituir-se sob as bases de uma promettida politica liberrima, de vistas amplas, de principios victoriosos. Mas em meio de tudo isso o que ficará sendo a mulher brasileira. Qual o destino que lhe reservam no conflito da vida nacional?

[...] Eis o convém saber. O paiz, vae, sob a nova phase de existencia inaugurada a 15 do corrente, consultar os espiritos emancipadores sobre as leis sociaes que hão de preparar e advento de todas as grandezas patrias.

É necessário, que a mulher, também, como ser pensante, como parte importantíssima da grande alma nacional, como uma individualidade emancipada, seja admitida ao pleito em que vão ser postos em jogo os destinos da pátria.

A liberdade e a igualdade são sempre umas.

À mulher como ao homem, deve competir a faculdade de preponderar na representação da sua pátria.

Queremos o direito de intervir nas eleições, de eleger e ser eleitas, como os homens, em igualdade de condições.

Ou estaremos fora do regime das leis criadas pelos homens, ou teremos também o direito de legislar para todas. Fora d'isso, a igualdade é uma utopia, senão um sarcasmo atirado a todas nós.

No empenho de conquistarmos a nossa completa emancipação social, concitamos às nossas briosas e denodadas colegas, afim de empenharem os seus esforços, tercendo as suas armas, n'uma luta, que será, além de tudo, a nossa liberdade e glória da América. (A Família, 1889, N°40, p.1)

Josephina, nos primeiros dias da República do Brasil, escreve em um tom de questionamento, pois, frente a todos os ideais que estavam em debate naquele momento, a autora questiona se as mulheres iriam participar ativamente da política, e da vida pública. A autora insere em seus escritos o tom de levante, ressaltando a importância de as mulheres irem à luta em prol da sua cidadania política.

Um dos problemas da pesquisa era pensar sobre o momento particular da formação da República, principalmente em relação às mudanças que estavam ocorrendo. A autora percebe movimentações sociais e políticas e que isso era fruto do contexto de formação da República, uma vez que existiam diversos projetos políticos em discussão sobre como seria o Brasil republicano. A respeito deste debate entre as mulheres, destaca a autora:

Já podemos contar com algumas adesões á causa momentosa de nossa emancipação politica.

A luz da justiça, secularmente obscurecida pelo egoísmo dos homens, começa a brilhar para o Brazil, com a aurora da Republica. (A Família, 1889, N°42, p.1)

O Brasil se desenvolvia e a autora referencia como inspiração para o Brasil aspectos em curso nos Estados Unidos onde, segundo a autora, ideias liberais e progressistas estavam mais consolidadas:

Em meio do indiferentismo que vae em nossa sociedade, quanto ao triste evolutivo da mulher brasileira, não podemos deixar de lamentar a falta absoluta de iniciativa para os nobres commettimentos, que a elevam á altura do seu destino.

[...] Na America do Norte as cousas não se passam assim: a mulher nos Estados Unidos é forte, é inteligente, age, emancipa-se e consegue triumphar contra todos os preconceitos.

Diz uma folha que temos á vista:

“Acaba de fundar-se em New York o club da Mulheres de Imprensa.

Boston, Baltimore e Chicago possuem Instituições identicas, cujo fim principal é animar e socorrer suas socias na carreira jornalística, além de proporcionar-lhes toda sorte de distraeções e divertimentos compatíveis como seu sexo.

[...] Aqui taes instituições não poderiam fundar-se; por que não ha senhoras que se dediquem á carreira jornalística. Ha algumas escriptoras de muito merito; essas, porém, não fazem da imprensa carreira, fogem d’ella, porque lhes seria até prejudicial.

[...] A grande republica americana é um grande paiz, o seu povo é o mais progressista do mundo; as suas mulheres são as mais fortes na actualidade. O Brazil, não; aqui quando uma brasileira, ainda mesmo de intelligencia cultivada, exige do juiz competente o titulo de eleitora, elle diz-lhe impreterivelmente que a mulher só tem os privilegios dos loucos!. (A Familia, 1889, Nº48, p.1)

Josephina, ao comparar a situação do Brasil com a dos Estados Unidos, explicita os momentos diferentes que ambos estavam. Entretanto, o que estava acontecendo de fora do Brasil, nesse caso serve de espelho para as mulheres brasileiras buscarem aqui a sua emancipação.

Suas indicações e reivindicações tinham um tom reformista, pois se inseriam nas novas propostas sociais da época, como o liberalismo e o republicanismo. A autora desejava acabar com a antiga concepção de lugar social da mulher que, segundo ela, era uma escravidão. Josephina almejava aumentar a área de atuação das mulheres na sociedade, para que pudessem participar dos novos rumos que a sociedade estava tomando.

A autora, durante o seu trabalho no jornal, se dedicou às biografias, que começaram a aparecer pouco depois d'A Família completar um ano. Todos os textos exaltavam estes aspectos mencionados, mas há algumas particularidades. Nos textos que falavam de homens, os exemplos usados como modelos apreciados eram todos de sua época, sendo eles escritores, poetas, dramaturgos, políticos, dentre outros; já quando se referiam às mulheres, alguns exemplos eram de contemporâneas, mas também de outras consideradas grandes personagens históricas femininas, como Joana D'Arc, Cleópatra, George Sand, Maria Thereza da Áustria, Miss Nightingale, Catalina II.

Tais menções possuíam explicações estratégicas, pois, em relação às biografias masculinas, percebemos que todas continham um tom de homenagem, de saudação dos seus feitos, e todos eram pessoas que possuem posições e relações com as instituições do poder daquele momento. Logo, a redatora buscava gerar e manter boa relação com tais indivíduos, que poderiam ser importantes aliados para as demandas do grupo que ela representava.

Com relação às biografias femininas, que iam além de suas contemporâneas, como citado, notamos um esforço para embasar ainda mais a causa valorizada. Buscava-se no passado exemplos de mulheres que tiveram notáveis atitudes e conseguiram trazer mudanças significativas para o seu contexto e que pudessem servir de inspiração para aquelas de fins do XIX: “um subsídio á propaganda de emancipação que se universalisa”, como diz a autora abaixo. Tal foi esse esforço de mostrar esses feitos que em 1897 a autora lançou um livro intitulado Galeria Illustre (Mulheres Celebres), compilando os artigos escritos no A Família; sobre esse trabalho, a autora escreveu:

Não tendo feito nem um trabalho propriamente original, nem tão pouco uma traducção litteral de quanto li sobre as heroínas consagradas neste livro, deve ser elle considerado uma compilação, pois nesta conta o dou á publicidade. Pequeno contingente é para a história da Mulheres Celebres, que é muito grande, quasi tanto á dos homens que merecem este ephiteto.

Em todo o caso, é um subsidio á propaganda de emancipação que se universalisa. Poucas são as heroínas que encerra; mas qualquer dellas bem clara.

O que ahi está é o melhor que pude fazer; medindo-se o meu desejo, terá um valor maior do que o intrínseco; mas esse é o

que poderá justamente compensar-me do esforço feito.
(AZEVEDO, 1897, p.7)

Na análise interna, o jornal teve vários preços e endereços durante a sua publicação. Além de que em 1891, o jornal passa a pertencer a uma sociedade anônima que se chamou “Companhia Imprensa Familiar. Josephina continua como redatora-chefe do jornal, mas a Companhia é presidida pela colaboradora do Jornal, Ignez Sabino. Josephina comenta sobre esta mudança:

Aquelles que tem acompanhado com attenção os meus perseverantes esforços na propaganda incessante em favor dos direitos e da emancipação do sexo a que pertenço, aquelles que podem avaliar a somma de energias necessaria para sustentar durante o accidentado estadio de dous annos na imprensa deste paiz um jornal que, -permitta-se-me o desvanecimento- reputo o unico em todo o vasto territorio brasileiro; aquelles que estão nos casos de comprehender quão lancinante e duradoura é a dor da punhalada vibrada pelo despeito, a inveja e a ignorancia; aquelles, enfim que me tem auxiliado com a animação das suas prestigiosas sympathias e das suas generosas dadivas – far-me-hão a justiça de acreditar que só interesses de elevada ordem moral e de inadiavel progresso me fariam alienar o direito que tenho ao jornal por mim creado e ao qual dediquei e continuarei a dedicar a mais desvellada affeição e a minha constante e incansavel actividade.

Para aquelles, porém, que vivem alheios ás batalhas porfiadas feridas nos campos das ideias novas ou que o parecam ser – julgo-me na necessidade de declarar que a cedencia dos meus direitos d’A Familia não teve por alvo os pingues resultados de uma especulação commercial, visto que um jornal de pura propaganda que consegue viver dous annos e que conta cerca de 3.000 assignantes – mantendo-se dos seus proprios recursos – é um capital mais que sufficientemente rendoso para dispensar-me de recorrer a uma transação mercantil, jamais sendo assás modestas as ambições alimentadas pela minha sobria existencia.

Falleciam-me, porém, elementos pecuniarios para dar ao meu jornal o desenvolvimento compativel com as ideias adiantadas do tempo e mais ainda para dar maior impulso á propaganda que constatae o meu lemma de combate – a emancipação feminina – e entendi que era chegada a occasião de sacrificar em holocausto ás ideias que defendo os meus naturaes escrupulos socorrendo-me da aggremação de capitaes alheios para completa realização da mais ardente e justa aspiração; a cooperação da mulher brasileira em todas as manifestações da actividade social. (A Familia, 1891, Nº100, p.2)

Após a Companhia Imprensa Familiar passar a administrar o jornal e a injetar recursos financeiros, o jornal passou por algumas mudanças como uma padronização maior entre as edições, com as colunas e fontes mais definidas, além da inserção de mais figuras e propagandas.

A rede de atuação de troca de informação e conteúdo era grande. Muitas das colaboradoras que escreviam no “A Família” também o faziam em outros veículos, ou eram proprietárias de alguma outra publicação, como mencionado. Além disso, desde o começo ocorreram muitas permutas que ajudavam a divulgar o jornal e auxiliar na estruturação de uma rede de comunicação entre estas colunistas. Havia permutas entre os seguintes jornais mencionados no nº 6, de 1889:

A Provincia de S.Paulo, Diario Mercantil, Correio Paulistano, Federalista, Gazeta do Povo, Diario Popular, Diario de Noticias, Platéa, Imprensa Evangelista, Grito do Povo, Diario do Commercio, Mequetrefe, Gazeta de Campinas, Correio de Santos. Diario da Tarde, Gazeta da Tarde, da Bahia. Correio Portuguez, Monitor Campista, Gazeta Luzitana, Noticiarista, Las Noticias Illustradas, de Buenos-Ayres. Diario de Sorocaba, Gazeta de Botucatu. Seculo. Gazetinha, Norte de S.Paulo, Gazeta da Bocaina. Echo Municipal, Tymburiba, Rezendense, Gazeta de Rezende, Leopoldinense. Irradiação. A Verdade, Tribuna do Norte, Jahuense, Gazeta de Valença, Gazeta de Mogi-Mirim, Correio Amparense, Gazeta do Amparo.

Descalvadense, Campos Elysios, Treze de Maio, Diario de Belém e Tribuna Liberal. (A Família, 1889, Nº6, p.8)

A rede apresentada, explicita a teia de colaboração e a dimensão do alcance do jornal naquele período, uma vez que consta a ajuda conjunta de folhas do país inteiro e internacionais, que auxiliavam na promoção de suas ideias.

A seção “Como nos tratam” transcreve os comentários feitos por outras revistas a respeito do jornal A Família:

“A Família”

Temos entre mãos o 1º numero d'este interessantissimo collega, que vem, cheio de esperança e forças, defender os largos direitos feminis que até aqui se tem querido contestar grosseiramente.

É publicado sob a intelligente direcção da sra. Josephina Alvarez de Azevedo, cujo nome tem a recommendação de uma gloria brasileira.

Ao illustre collega desejamos uma vida de rosas e triumphos.

Do Noticiarista (A Família, 1888, Nº4, p.8)

“A Família”

É o título do periódico publicado na Corte sob a redacção da Exma. Sra. D. Josephina de Azevedo.

Dedicado ao lar. á educação da família, este periódico, que é também, litterario, está predestinado a prestar valiosos serviços ao paiz. cooperando fortemente pela elevação da mulher á altura social que lhe compete alem da occupações e fadigas domesticas

A Exma. Sra. D. Josephina de Azevedo, o Sul de S.Paulo, enviamos seus respeitos cumprimentos. (A Família, 1889, Nº36, p.3)

Em sua grande maioria, os jornais que falavam do periódico de Josephina Alvarez de Azevedo faziam parte das permutas e sempre colocavam um elogio, não só ao formato, redacção e montagem, mas também à causa e às idealizações que a redatora-chefe enfatizava em suas páginas.

Alguns comentários eram mais extensos e se preocupavam em, além de comentar sobre o jornal, argumentar sobre o que a autora defendia. Estes, quando inseridos, ocupavam a seção inteira, substituindo os mais corriqueiros. Um desses é:

A Família (nº169). O Artigo inicial da 4ª pagina versa ligeiramente , sobre – “As proximas eleições.” Delle se depreheende que a insigne escriptora D. Josephina Alvares não interrompe um momento a sua afanosa propaganda.

[...] O desanimo da strenua batalhadora ja se vae denunciado Por déra não! Neste paiz, a não ser de politicagem, de mais nada se trata com afan e seriedade. Que importa aos nossos politicos a revindicação dos direitos da mulher si antepõem ao bem geral da Patria os seus interesses pessoases!?

E a illustre recdatora tem a ingenuidade de crer que a sua renhida propaganda conseguiria vingar neste paiz. se o nosso pacto fundamental a apoiasse em algum dos seus artigos!

Infelizmente a “rolha” não nos deixa dizer mais sobre este importante assumpto.

A operosa propagandista danos duas exellentes traducções – uma do artigo “A Solidariedade Feminia”, escripto em francez por Potonié, e a outra de um artigo em hespanhol, intitulado “Asneiras”.

D. Analia Franco, a provecta professora normalista, firma um artigo magnifico, emocionante, com a rubrica – “Os Pobres”. É um brado de alarma á caridade publica em prol dos necessitados que se entorcem nas garras da miseria.

Na secção “Livros e Jornaes” – D. Josephina de Azevedo da uma succinta noticia da “Boas Festas” de Alvares de Azevedo Sobrinho.

Do Noticiarista (A Familia, 1894, Nº170, p.4)

Neste caso o desanimo relatado na secção é compartilhado pelo próprio comentarista, que demonstra um descontentamento com a política do Brasil. Este momento de 1894 elucida o debate que o jornal proporcionava, uma vez que além de apreciarem os textos, os leitores, neste caso um jornalista, também contribuíam e comentavam sobre os debates postos a respeito da contribuição de mulheres na política do país.

Em relação às críticas direcionadas ao jornal, a autora os respondia na secção literária, na qual argumentava como aqueles contrários à sua causa se apoiavam em conceitos, segundo ela, obsoletos e desatentos às transformações sociais e à importância da mulher como parceira do homem na construção de uma nova sociedade. Um exemplo pode ser visto em:

Que nome significativo!

Tão feliz como o collega não fui eu em escolher o titulo para o meu jornal. A Familia, na opinião desse collega, parece não poder ser se não o órgão das mulheres ignorantes até em materia de cosinha e de costura; e, no entanto, eu a tenho elevado até servir de órgão áquellas que se dedicam a funções mais altas na sociedade!

Ao que parece, a mulher brasileira, na opnião do colega, só deve ser a quituteira, a costureira, a varredora de casa, e, o que é mais, a mestra do homem; pois o collega quer que lhe ensinemos a fazer quitutes, e a manejar o dedal tambem

Ora, para tal fim não é que eu crearia um jornal destinado a guiar as senhoras na adepção de idéaes mais nobres do que aquelle, que o collega julga unicamente digno de mulher.

A Familia, como representação ideal da familia moderna, é o que o colega, apesar de jornalista illustrado, não comprehendeu ainda; e isto é triste para quem milita na imprensa e precisa da solidariedade de collegas intelligentes e instruidos.

Os ideaes das civilizações carcomidas do velho Oriente não são dignos de virem á luz no ultimo periodo do seculo das luzes. Portanto, evocar taes ideaes é, se não pesado gracejo, prejuizo de educação ou falta de criterio.

Ila nas sociedades, individuos de todos os sexos, que se empregam em misteres diversos: - quituteiros ou quituteiras, alfaiates ou costureiras. Tambem ha jornalistas de ambos os

sexos. O que é necessario é que não haja erro de vocação ou invasão de atribuições.

Fico hoje por aqui. (A Família, 1889, Nº44, p.3)

A autora, que buscava incessantemente defender as suas causas, não citou a origem da crítica, mas realçou o valor da educação e da emancipação da mulher, e de suas atribuições também na esfera pública. Para isso defendia a importância de uma família moderna, da qual o seu jornal colocava-se como representante.

e dedicou-se a fortalecer o seu argumento em prol de uma sociedade por meio da e. uma sociedade

Em outros momentos, a autora escreveu críticas direcionadas a algumas pessoas, na grande maioria do meio jornalístico. Nestes escritos o alvo era claro e a autora se permitia ir além dos argumentos em prol da sua causa:

Sou forçada a vir dizer alguma cousa sobre uma especie de que n'um jornal de S. Paulo, alias conceituado, escreveu um tal Sr. Severiano de Rezende, que melhor nome tivera se fora das Arabias.

O tal artigo, produto embrulhado d'um cerebro em que as ideas, pouco lucidas, se emaranham n'uma balbudia dolorosa, da-se ares de offensa de sujeito maleducado a quem, como eu, nunca procurou intrometter-se com quem quer que seja que não tenha vestido colete e collocado gravata para confabular com gente de boa sociedade.

Não posso acompanhá-lo n'uma resposta, como a que conviria entre escriptores de distincção e critério; mas penso que não devo calar-me em face de um atrevido qualquer, colhido n'uma redacção de jornal para escrever o que não seja inconveniente a pessoas que procuram merecer o respeito de todos, e que entretanto transgride as boas normas da fina educação com impertinencias offensivas a essas mesmas pessoas.

[...] O Sr. Severiano não escreveu contra mim, nem um artigo serio, nem uma noticia, nem uma critica litteraria: amontoou necedades, em meio d'uma tola invocação as *fúrias tremendas do Ercho* e a todos os instrumentos de guerra de um regimento completo. Que tem que ver todo esse mystiforio com os meus artigos, com a minha propaganda ou com o peor dos escriptos litterarios deste mundo?

[...] Creio que estou gastando muito mal o meu tempo com esse escripto tão abaixo da critica. O tempo é ouro...

Deus lhe de talento, senso comum e muita prudencia para não exhibir tão detestavelmente a sua tão detestavel litteratura, Sr. José Severiano. (A Família, 1891, Nº97, p.5)

O tom da folha era de forte argumentação, principalmente nos temas da emancipação e educação feminina. A autora levava para os seus artigos, em alguns momentos, um tom mais duro de rebeldia e indignação com olhares e percepções de mundo por ela considerados desconectados de momento em que viviam. Procurava estimular as mulheres a se engajarem na luta pela liberdade de expressão, de educação, participação política e contra o fardo da “servidão” e das “ultrajantes inferioridades”, como argumentado por Josephina abaixo:

Avante, mulheres de todos os paizes empregai um pouco de energia, aparecei, falai, escrevei, requerei, agitai-vos enfim. Vede o que se passa por toda a parte em derredor; na Inglaterra, na Suecia, na Noruega, na Dinamarca, na Suissa, na Allemanha, na Austria, na Australia, nos Estados Unidos d’America, por toda parte as mulheres não tem medo de se agitarem e gozam de direitos que nós não possuímos. (A Família, Nº129, p.1, 1892)

Eu não aconselho a que como os operários, venhais á rua de bandeira a frente, nada de exagerações: porém, sem esses extremos, vós podeis vos agitar um pouco, vos reunir, discutir e provar que estaes fartas de servidões e de ultrajantes inferioridades, que a lei deixa passar sobre vós. (A Família, Nº129, p.2, 1892)

A articulista discorre sobre o caminho para a realização de suas idealizações. Segundo ela, não seria necessário algo mais violento ou exagerado, mas era preciso a organização e a reunião das mulheres com o ideal comum a fim de buscarem, por meio do debate, direitos que elas não possuíam.

Este modo de manifestação está coerente com o jogo político daquele momento, nas palavras da redatora:

Ella não é, nem clerical, nem reacionária, apesar de tudo o que se diz, mas, vêde, que ella bem pode vir a sel-o; repelida pela esquerda, naturalmente, se voltará para a direita, si esta lhe offerecer a igualdade e a independência em quanto a esquerda recebe, com indiferença, as suas justas pretensões (A Família, Nº120, p.7, 1891)

Na percepção da autora, naquele momento a esquerda, identificada como o movimento operário, tinha atenção em outras questões que não as femininas. Mesmo as mulheres comunistas, socialistas e anarquistas, diversas em suas argumentações, tinham em comum o rompimento com o sistema capitalista, e reivindicavam melhores condições de trabalho. (RAGO, 1997)

A direita, que naquele momento ocupava o poder, em contrapartida, poderia pensar e receber as indicações com mais adesões, pois, uma vez que já ocupava cargos estratégicos, poderia interferir nos rumos da sociedade e na pauta das mulheres abastadas.

A imprensa, naquele momento, cumpria um papel de educação social, mesmo que esta acontecesse para uma parcela da sociedade, no caso os letrados, mas a existência por si só causava reflexões e debates, pois a imprensa feminina era um dos poucos espaços de livre expressão das mulheres.

Pensando nesse aspecto educativo, um ponto que fortalece o debate é o perfil traçado dos assinantes do jornal, pois em março de 1984 começaram a fazer parte da folha o “Livro de ouro”, com os nomes dos assinantes daquele ano. Porém, a primeira parte da edição desse “Livro de ouro” começa no nº170 e na Hemeroteca Digital só temos disponíveis até a nº177, número este que ao final dos nomes consta “continua”. Foram apresentados 169 assinantes, dentre organizações, militares, políticos, pessoas com títulos, entre outros, sendo apenas 11 delas de mulheres.

A redatora, em alguns momentos, diz que o jornal não tem muitas mulheres assinantes, desinteresse que ela atribui à “falta de educação competente”:

Durante um anno inteiro de trabalhos e sacrificios para a sustentação deste periodico, tenho visto que, apesar de ser o único dedicado ás questões uteis, em relação á mulher, não tem despertado nas senhoras brasileiras. Aquelle interesse que era de esperar

Em geral as minhas patrícias gostam mais dos jornaes de modas e figurinos, pequenas futilidades propinada á sua curiosidade, para proveito da modistas, dos mercadores de quinquilharias, e para eterno tormento dos paes de familia e dos esposos.

[...] Como causa determinante do que assignalo só posso attribuir a falta de educação competente, que as familias proporcionaram as suas filhas. Mas também é necessario convir que as ideias acanhadas dos homens, contribuem mais do que tudo para isso.

A mulher brasileira, envergonha-se de, quando sabe alguma cousa de arte, de litteratura, ou de sciencia, discutir diante dos maridos. D’ahi a abdicação de toda a entidade intellectual, acabando pelo abandono de toda a concepção adquirida.

[...] N’um meio assim, em uma sociedade servida por tão falsas idéas, a existencia de um jornal como A Familia é sem duvida difficil.

São exactamente aquellas a quem devia mais interessar que menos a procuram, que mais completa indiferença manifestam.

[...] Até aqui tem sido este o empenho d'A Família. Resta que as minhas patrícias venham trazer ao modesto orgam que lhes dediquei, todo o esforço intellectual, todo o concurso material de que careço (A Família, 1890, Nº47, p.1)

Segunda ela, as mulheres da elite ainda careciam de entender a importância da causa, da situação de servidão a qual estavam submetidas, pois de tanto serem dominadas, haviam se acostumado com tal situação ou tinham medo de se atrelarem à luta devido à reprovação dos maridos e possíveis julgamentos que sofreriam.

Assim, mesmo que num primeiro momento o pequeno número de mulheres assinantes tenha causado um desconforto, o fato de muitos homens assinarem e se manifestarem prol à causa, demonstra que o movimento social não se resumia em antagonismos entre homens e mulheres. Como apontado pela própria autora, a estrutura de servidão da mulher seria ruim tanto para os homens como para as mulheres, e segundo as idealizações de Josephina, que se preocupava em inserir esta mulher na vida pública, foi de fato algo inovador, não mais tendo como modelos os grandes nomes, mas sim a força da organização coletiva, no trabalho em conjunto delas para o desenvolvimento da sociedade.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa foi escolhido o tema das idealizações a respeito da atuação das mulheres no campo social e familiar no final do século XIX no Brasil, por meio do jornal A Família, da proprietária e redatora-chefe Josephina Alvarez de Azevedo. Foram investigados todos os artigos escritos pela redatora, além da seção “Como nos tratam” disponíveis na Hemeroteca Digital, dos anos 1888 a 1894. Foi realizado uma análise interna e externa do jornal e juntamente o estudo de um corpo bibliográfico sobre a temática e contexto para estabelecer um diálogo historiográfico. O método foi qualitativo, de procedimento documental.

As hipóteses concebidas no projeto foram ampliadas nos resultados, de forma que com a análise das fontes, percebemos que Josephina idealizava uma reforma que se encaixava em um contexto nacionalista, a autora propunha uma sociedade mais justa, que dentro dos ideais republicanos e liberais, encaixasse as mulheres na vida pública, pois uma mulher bem instruída poderia auxiliar o homem no desenvolvimento daquela sociedade em construção.

Além de que os aspectos simbólicos e educativos, frente ao público da folha deram a dimensão ampla de tal conjuntura, uma vez que possuíam muitos assinantes do público masculino.

Pelas colunas “Como nos tratam”, percebemos que existia um conjunto significativo de pessoas que concordavam e entendiam a causa de Josephina enquanto algo de muita importância. Dessa forma o jornal “A Família”, proporcionava um debate social não só a respeito das mulheres, mas das mulheres na sociedade e como poderiam lutar pelos seus direitos e agregar.

A nuance dos seus discursos, juntamente com o contexto de produção, possibilitou a concepção dos argumentos que a redatora-chefe usava, como a defesa incisiva do voto feminino a fim de igualizar e permitir que as mulheres disputassem com os homens os cargos e posições estratégicas da sociedade, mas sem perder os “aspectos femininos”. A proposta de educação feminina presente n’A Família reforça a capacidade intelectual da mulher que, ao ser bem instruída, conseguiria educar bem os filhos, formando cidadãos dispostos a viver em sociedade e a trabalhar pelo seu desenvolvimento. Osephina usou o tom mais duro de rebeldia e indignação em relação a olhares e percepções de mundo por ela considerados desconectados do momento em que vivia. Procurou estimular as mulheres a se engajarem na luta pela liberdade de expressão, de educação, participação política e contra o fardo da “servidão” e das “ultrajantes inferioridades”,

Assim, por meio desta pesquisa foi possível analisar o espaço político e social que ambientava o jornal e identificar as variadas demandas, reivindicações e discussões postas por este grupo de mulheres representadas na figura de Josefina Alvarez de Azevedo, e identificar as complexas discussões postas a respeito das relações de gênero.

Com base nos dados apresentados, entendemos a escrita, produção e circulação do Jornal “A Família” em uma perspectiva político/educativa ao se dirigir às mulheres e homens abastados e lhes propor caminhos e atuações diversas nos espaços familiar e social.

FONTE

A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe e familia (RJ) - 1888 a 1894, disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/familia/379034>

REFERÊNCIAS

ALVES, Gláucia da Rosa do Amaral; BECKER, Elsbeth Léia Spode. Manuais de etiqueta e sua importância na formação das mulheres. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Santa Maria, RS, v. 41, 2019. DOI 10.4025/actascihumansoc.v41i3.48937. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs>. Acesso em: 22 mar. 2020.

AZEVEDO, Josephina Alvares de. **Galeria Illustre: Mulheres Celebres**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1897. 182 p.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 16^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 207 p.

BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. 29p.

BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: Lições da história. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 24-46, 2017.

CAMPOS, Daniela Queiroz. Garotas no País do Bom Tom: A Civilidade Entre Manuais e Revistas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, PR, v. 66, n. 1, p. 169-195, jan/jun 2018.

CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, ed. 24, p. 261-279, jan-abr 2016.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: Um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2004, Curitiba/PR. CD Rom/ III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba: PUC/PR e SBHE, v. 1. p.60-75. 2004.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 234-252.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 4. ed. São Paulo: Editora Claridade, 2015. v. 1. 120p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "As Mulheres Fortes são Aquelas que Fazem uma Raça Forte": Esporte, Eugenia e nacionalismo no Brasil no Início do Século XX. **Recordes**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, ed. 1, junho 2008.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 22, ed. 2, p. 201-210, mai/agos 2006.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 120 p.

LEIBÃO, Matheus de Carvalho, História e imprensa em diferentes tempos e a importante contribuição teórica de Antonio Gramsci, **Intratextos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.1, 2017, p. 314-328.

MAIOR, Valéria Andrade Souto. Josefina Álvares de Azevedo: teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX. **Revista Acervo Histórico**, São Paulo, n. 2, p. 65-82, 2004

MARTINS, Ana Luiza. Da Fantasia a História: Folheando Páginas Revisteiras, **História**, São Paulo, v.22, n. 1, p. 59-79, 2003

MIQUELONI, Larissa Gracy Bernardi; FEITOSA, Lourdes Conde. Alcoolismo, loucura e masculinidade: uma leitura em Lima Barreto. **Mimesis**, Bauru, v. 34, n. 2, p. 165-182, 2013

MOURA, Nayara Aparecida. A Primeira Onda feminista no Brasil: uma análise a partir do jornal “A Família” do século XIX (1888-1894). **Praça**: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 2, p. 1-25, 2018.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo**: a voz feminina do século XIX através das páginas do jornal A Família. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

PERIOTTO, Marcília Rosa. Imprensa, intelectuais e educação: O Brasil em debate no século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 53, p. 41-55, out 2013.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de Civilidade, Modelos de civilização. **História em Revista** (UFPel), Pelotas, v. 9, n.2, p. 105-134, 2003.

RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução - O prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (Org.) **República: da Belle époque à era do rádio**. São Paulo: Cia das Letras, p. 7-48. 1998.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital Cultural, Classe e Gênero em Bourdieu. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, [s. l.], v. 1, ed. 2, p. 24-36, jul/dez. 1995.

SILVA, Jacicarla Souza. Parte I – Panorama da Crítica Feminista. In: **Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 221 p.

SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. Os Manuais de Conduta e a Escrita Feminina no Início do Século XX: O que Desvelam as Narrativas? **31ª Reunião Anual da Anped**, Lavras, p. 1-15, 22 out. 2008.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Borges Ribas. Entre o público e o privado: Imprensa e representação Feminina. **Revista Encuentros**, Universidad Autónoma del Caribe, 12 (2), p. 79-92. 2014.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 423-466.